RBCE
Revista Brasileira de Ciências do Esporte

Painel

A França além dos *"Les Bleus"* no Mundial de 2026: a produção de talentos na periferia, entre os projetos familiares, comunitários e as condições institucionais

France Beyond *"Les Bleus"* at the 2026 World Cup: Talent Production in the Periphery Between Family and Community Projects and Institutional Conditions

Francia más allá de "*Les Bleus*" en el Mundial de 2026: la producción de talentos en la periferia, entre proyectos familiares y comunitarios y condiciones institucionales

Fábio Machado Pinto[a]*, Igor Martinache[b]

Palavras-chave:
Futebol;
Formação esportiva;
Periferia urbana;
Identidade nacional.

RESUMO

Este artigo analisa a produção de futebolistas de alto nível nas *banlieues* francesas e as condições que sustentam sua projeção no Mundial de 2026. Com base em etnografia de longa duração, entrevistas e revisão da sociologia francesa do futebol, examina a articulação entre famílias, clubes locais e dispositivos estatais de formação. Os resultados mostram que a excelência não decorre de talento inato, mas de uma rede que integra seções esportivas escolares, *Pôles Espoirs* e centros profissionais, sob o triplo projeto esportivo, escolar e educativo. Conclui-se que os clubes de bairro mediam aspirações de mobilidade e pertencimento, enquanto a visibilidade de atletas de origem migratória reabre disputas sobre a identidade nacional francesa.

Keywords:
Football;
Sports training;
Urban periphery;
National identity.

ABSTRACT

This article analyzes the production of elite footballers in French banlieues and the conditions underpinning their prominence at the 2026 World Cup. Drawing on long-term ethnography, interviews, and a review of French sociology of football, it examines the links among families, local clubs, and state training schemes. The findings show that excellence does not stem from innate talent but from a network combining school sports sections, *Pôles Espoirs*, and professional training centers within a threefold sporting, educational, and civic project. It concludes that neighborhood clubs mediate aspirations for mobility and belonging, while the visibility of athletes of migrant origin reopens disputes over French national identity.

Palabras clave:
Fútbol;
Formación deportiva;
Periferia urbana;
Identidad nacional.

RESUMEN

Este artículo analiza la producción de futbolistas de alto nivel en las banlieues francesas y las condiciones que sostienen su proyección en el Mundial de 2026. Basado en una etnografía de larga duración, entrevistas y revisión de la sociología francesa del fútbol, examina la articulación entre familias, clubes locales y dispositivos estatales de formación. Los resultados muestran que la excelencia no procede de un talento innato, sino de una red que integra secciones deportivas escolares, *Pôles Espoirs* y centros profesionales, bajo un triple proyecto deportivo, escolar y educativo. Se concluye que los clubes barriales median aspiraciones de movilidad y pertenencia, mientras la visibilidad de atletas de origen migratorio reabre disputas sobre la identidad nacional francesa.

[a] Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Escola Superior de Educação Física, Fisioterapia, Departamento de Educação Física. Pelotas, RS, Brasil.
[b] Université Paris-Nanterre, Institut des Sciences Sociales du Politique. Paris, France.

***Autor correspondente:**
Fábio Machado Pinto
E-mail: fabiobage@gmail.com

Recebido em 18 de agosto de 2026; aceito em 25 de setembro de 2026.

Editores(as) responsáveis:

Editor Executivo: Pedro Otavio Pimpim Bezerra

Editora Associada: Fernando Cavalcante

Editor Final: Ari Lazzarotti Filho

DOI: https://doi.org/10.1590/rbce.48.e20260102

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution (https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

INTRODUÇÃO

Segundo Nelson Rodrigues, em uma das suas crônicas de 1963: “em futebol, o pior cego é o que só vê a bola”. Poderíamos acrescentar: há um cego ainda pior: aquele que só vê os craques, sem compreender as estruturas sociais que permitem que eles surjam. Assim, no futebol, o mito do “self-made-man” — o empreendedor que deve seu “sucesso” exclusivamente ao próprio gênio, que sustenta ideologicamente o capitalismo neoliberal ao legitimar as desigualdades que ele gera (Galluzzo, 2023) — tem seu equivalente no futebol: o jogador naturalmente talentoso proveniente das comunidades de periferia, cujos terrenos baldios funcionariam como uma “escola invisível”[1]. Nos últimos anos, é preciso reconhecer que a América do Sul, e o Brasil em particular, foram ultrapassados como “celeiro de craques” por alguns países europeus, a começar pela França, cujos bairros pobres da periferia (“*la banlieue*”) constituem, no imaginário coletivo, o equivalente estrutural das comunidades periféricas das cidades brasileiras. Os números do ultimo Mundial revelam a magnitude da engrenagem: 99 jogadores nascidos na França disputam esta Copa. Destes, 23 vestem a camisa dos Bleus; os outros 76 exportam o talento francês defendendo seleções como Argélia (13), Haiti (12), RD Congo (11), Senegal (10), Costa do Marfim (8), Tunísia (7), Marrocos (6), Cabo Verde (4), Gana (3) e Catar, Espanha e Egito (1 cada).

Essa super-representação não se deve ao acaso, nem à genética, mas decorre de uma estrutura institucional específica de identificação e formação de jovens jogadores de futebol, desenvolvida ao longo do tempo por diversos atores estatais e associativos. Essa estrutura permitiu criar um ambiente particularmente favorável ao surgimento de jovens talentos que podem ser exportados para o mundo inteiro, mas que também apresenta certas limitações, conforme destacado em diversos estudos. Como lembra Fleuriel, que se interessou pela gênese da categoria de “atleta de alto nível” (*sportif de haut niveau*) na França:

> Apresentada como a expressão espontânea de um dom da natureza, uma espécie de graça capaz de tocar qualquer pessoa, a performance é, no entanto, fruto de uma produção racional que nada deve ao acaso. Embora a maioria dos discursos — sejam eles proferidos por altos dirigentes esportivos, pela imprensa ou, ainda, por intelectuais e outros analistas do mundo esportivo — sirva à narrativa de uma ficção democrática na qual o atleta de alto nível encarna o sucesso que qualquer pessoa pode e deseja alcançar, desde que se dedique a isso naturalmente, a observação da realidade nos lembra que a organização piramidal do esporte continua sendo um modelo virtual destinado a fornecer o quadro ideológico que justifica a intervenção do Estado na gestão da elite esportiva (Fleuriel, 2013, p. 37)[2].

É esse enquadramento institucional, muitas vezes invisibilizado, mas essencial, e que envolve outros atores além do Estado, que desejamos apresentar neste artigo dedicado ao caso francês, com base em documentos institucionais sobre esses mecanismos, estudos sociológicos sobre os mesmos e complementado por materiais provenientes de nossas investigações etnográficas — respectivamente, como jogador e treinador em um clube de futebol da periferia de Paris entre 2004 e 2007[3] —, além de pesquisas dedicadas às trajetórias sociais de atletas de alto nível na França, incluindo vários jogadores de futebol, bem como junto a professores de educação física e de ciências sociais.

CONCILIAR OS ESTUDOS COM O TREINAMENTO INTENSIVO: OS PROGRAMAS ESPECÍFICOS ORGANIZADOS PELO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Enquanto até então se caracterizava por uma estrutura dual bastante rígida entre um ensino fundamental, que acolhia os filhos das classes populares por um período relativamente curto, e um ensino médio, amplamente reservado aos filhos da burguesia e que permitia estudos mais longos, o sistema educacional francês passou por um importante movimento de “democratização” a partir da década de 1960, impulsionado por um verdadeiro voluntarismo político (Prost, 2001), cujo exemplo mais emblemático é a Lei Haby de 1975, que instituiu o “colégio único”, ou seja, o mesmo ensino para todos os alunos até os 15 anos de idade, aproximadamente (desde 1959, a escolarização é obrigatória até os 16 anos no país, complementada pela obrigação de formação até os 18 anos, a partir de 2019, para jovens que abandonaram o sistema escolar e estão desempregados). Nesse contexto, não há, portanto, como os jovens aspirantes a jogadores de futebol profissionais abandonarem a escola para se dedicarem exclusivamente à sua ambição esportiva.

É significativo que a política de alto rendimento na França tenha começado a se desenvolver justamente no momento em que se iniciou a democratização do ensino, no final da década de 1950. Essa democratização teve início com a criação de uma Escola Interforças (École Interarmées des Sports - *EIS*) de Esportes em 1956,

[1] Para um exemplo recente da persistência desse mito, veja esta postagem no blog do escritor e jornalista Gerson Menezes durante a última Copa do Mundo de futebol masculino (Menezes, 2026).

[2] A tradução do francês é de nossa autoria, como nos trechos a seguir neste artigo.

[3] Neste período dedicado ao doutorado em Educação na Université Paris 8, um dos autores, Fábio Pinto, viveu na comuna de Pierrefitte-sur-Seine e pode acompanhar como atleta e treinador a formação de jovens da ASPierrefitte. No retorno ao Brasil manteve contato e intercambio permanente com a associação conforme relatado em Pinto et al. (2024).

Tabela 1. Caracterização das escolas que oferecem seções esportivas escolares na França durante o ano letivo de 2024-2025, de acordo com a modalidade em questão.

Classificação	Disciplinas	Numero de escolas	Proporção de escolas de ensino fundamental II	Proporção de escolas publicas	Proporção de estabelecimentos localizados em zonas de educação prioritária (Rep ou Rep+)*
1	**Futebol**	**715**	**85,2%**	**83,2%**	**21,4%**
2	Handebol	415	79%	89,9%	19,8%
3	Basketebol	337	78%	84%	16,3%
4	Rugby	286	71,3%	87,4%	14,7%
5	Atletismo	177	78%	85,9%	18,6%
	...				
19	Vela	54	87%	92,6%	11,1%
20	**Futsal**	**53**	**81,1%**	**88,7%**	**41 ,5%**
21	Tennis de messa	49	87,8%	83,7%	16,3%

*Desde 1981, existe na França uma política conhecida como “educação prioritária” (*éducation prioritaire*), que consiste em destinar mais recursos às escolas localizadas em áreas caracterizadas por dificuldades sociais. Atualmente, essa classificação as designa como Rede de Educação Prioritária (Rep) ou Rep+ para as que enfrentam maiores dificuldades.
Fonte: Ministério da Educação Nacional da França (France, 2026), cálculos dos autores.

seguida, uma década depois, pela inauguração do Centro Nacional de Treinamento em Altitude (CNEA) de Font-Romeu, uma pequena vila nos Pirineus, que inclui, notadamente, um “colégio climático e esportivo” onde são testados horários escolares adaptados para permitir que os alunos conciliem a prática esportiva intensiva com os estudos (Fleuriel et al., 2020). Ao mesmo tempo, em 1966, o colégio de Villard-de-Lans abriu uma turma com horários adaptados destinada a jovens esquiadores de competição, a fim de permitir que conciliassem estudos e treinamento esportivo. O programa foi posteriormente generalizado pelo Ministério da Educação Nacional para outras disciplinas e em todo o país a partir de 1974, sob o nome de “seções de esporte e estudos” (*sections sport-étude*)[4]. A primeira seção dedicada ao futebol foi inaugurada numa escola de Rennes naquele mesmo ano, com o duplo objetivo de garantir a “formação técnica de jovens jogadores de futebol da elite esportiva regional ou nacional, permitindo-lhes, ao mesmo tempo, prosseguir seus estudos, e proporcionar uma ‘formação em futebol’ àqueles que, no futuro, formarão os líderes do país” (*Livre Blanc football-étude* (Livro Branco Futebol-Estudos), 1982, citado por Perreau-Niel, 2026a: 7). Esses programas passaram a ser denominados “seções escolares de alto nível” (*sections scolaires de haut niveau*) em 1988 e “seções esportivas escolares” (*sections sportives scolaires,* SSS na continuação do texto) em 1996[5].

São os diretores das instituições de ensino que tomam a iniciativa de criar tais seções, o que, no entanto, deve ser aprovado pelo reitor da academia (alto funcionário responsável pela política educacional em uma determinada região) com base em vários critérios, notadamente o equilíbrio de sua distribuição geográfica, mas também a “busca pela inclusão”, o “desenvolvimento da diversidade” e a “luta contra o abandono escolar”. A circular também relembra que a reorganização do ano letivo não significa uma redução da carga horária de ensino para os alunos, inclusive em educação física e esportiva. Por fim, embora a seção deva ser coordenada por um professor de educação física e esportiva, o recrutamento dos alunos é de competência do diretor da instituição, que deve simplesmente “consultar” os professores de educação física e esportiva e as entidades federais da disciplina em questão. Assim, é o Ministério da Educação que mantém o controle sobre o programa, mesmo que se pretenda estabelecer parcerias com outras entidades. A circular especifica, portanto, que:

> Recomenda-se que uma SSS se baseie em uma parceria com uma associação ou clube esportivo credenciado e, nesse caso, seja objeto de um acordo bilateral que estabeleça um caderno de encargos vinculativo para ambas as partes.

Para o ano letivo de 2024-2025, a Federação Francesa de Futebol (FFF, 2026) registra nada menos que 1.054 seções esportivas escolares dedicadas ao futebol ou ao futsal e certificadas pela federação (de um total de 2.763 seções, considerando todos os esportes[6]), das quais 806 em escolas de ensino fundamental II (*collèges*) e 248 em escolas de ensino médio (*lycées*), que reúnem 32.500 alunos, incluindo 5.500 (ou seja, 17%) (Tabela 1).

[4] Circular nº 74-136 B, de 8 de maio de 1974.

[5] Circular n° 96-291 de 13 de dezembro de 1996.

[6] Segundo o Ministério da Educação Nacional da França (France, 2026).

Em 1996, a FFF criou uma competição chamada “Challenge Jean Leroy”[7], uma espécie de “Copa da França das seções esportivas escolares”, inspirada na competição de eliminação direta que, desde 1917, reúne todos os clubes masculinos afiliados à federação — tanto amadores quanto profissionais —, promovendo tanto o futebol no ambiente escolar quanto a identificação de talentos em potencial. Em 2019, foi lançada sua versão feminina, o Desafio Marilou Duringer, em homenagem à fundadora da primeira seleção feminina da França. Embora nem todos os alunos das SSS estejam destinados ao alto nível — longe disso —, esse programa permite, no entanto, ampliar o leque de potenciais talentos, ao mesmo tempo em que garante a transmissão de um certo capital acadêmico aos alunos envolvidos. Vale ressaltar, de fato, que os alunos admitidos no SSS não são agrupados em uma mesma turma, mas distribuídos por várias turmas ao lado de alunos com escolaridade “normal”. A maioria dos atletas entrevistados que passaram por esse tipo de programa relatam ter recebido um acompanhamento rigoroso, no qual os resultados acadêmicos recebiam atenção igual, se não maior, do que o desempenho esportivo, ao mesmo tempo em que apreciavam ter sido integrados ao meio de alunos “comuns” para não ficarem “na sua bolha”.

Os professores de ciências econômicas e sociais com quem interagimos em nossas pesquisas e que lecionam nessas séries, por sua vez, relatam regularmente maiores dificuldades em despertar o interesse desses alunos pela disciplina, sobretudo aqueles de origem social menos favorecida, que tendem a se concentrar mais em sua “carreira” esportiva. Devido à proveniência social mais popular dos praticantes de futebol em comparação com outros esportes (Bourdieu, 1979, p. 230-247; France, 2002; Maisonnave e Dietsch, 2021, p. 59-64), mas também pelas oportunidades de carreira nesse esporte, dada a profissionalização mais avançada do futebol (Schotté, 2022), é possível formular a hipótese, sem grande risco de erro, de que os alunos dessas SSS nutrem, ainda mais do que os demais, a esperança de fazer do futebol sua profissão.

Em sua pesquisa sobre a profissionalização da seção feminina do Football Club de Metz, no nordeste da França, Grün destaca o papel crucial da SSS de futebol feminino criada em uma escola de ensino médio, observando que ela teria permitido “acelerar a aprendizagem organizacional”, mas também ao promover maior tolerância mútua entre os jovens jogadores de futebol, meninas e meninos, mesmo que a iniciativa tenha suscitado mais resistências dentro do clube, “principalmente por parte de alguns treinadores das equipes masculinas”, do que a SSS masculina (Grün, 2024).

Por fim, vale ressaltar que as SSS não se destinam apenas a formar jogadores e jogadoras, mas também todo o “pessoal de apoio” (Becker, 1982) indispensável ao bom funcionamento do futebol: treinadores, dirigentes e também árbitros. Para sua tese de doutorado, Alexandre Perreau-Niel (2024) estudou o desenvolvimento das seções esportivas com formação em arbitragem (SSFA) a partir do início dos anos 2000 na França. Seus trabalhos mostram que essas estruturas, que hoje somam 22 (embora 5 tenham fechado as portas nesse intervalo), desempenham não apenas um papel essencial no conturbado processo de profissionalização da arbitragem no país, iniciado já na década de 1970 (Joly e Perreau-Niel, 2023), mas também contribuem para facilitar as relações entre o futebol federativo, o mundo da arbitragem e o meio escolar, embora não sem certos atritos. Esses atritos, no entanto, não se devem apenas à tradicional compartimentação entre esses três espaços, mas também às contradições entre os objetivos que todos eles perseguem em diferentes graus. As SSFA “aparecem como indicadores privilegiados das tensões contemporâneas entre as exigências de desempenho esportivo, as lógicas educacionais da escolarização e os processos de profissionalização da arbitragem” (Perreau-Niel, 2026a, p. 23). As SSFA se inscrevem tanto nas estratégias das instituições de ensino que as criam para si, mas também a perfis mais variados[8]; já para esses alunos, isso pode se inscrever em uma estratégia de reorientação de recursos, notadamente ex-alunos do SSS de futebol que estão cientes de suas limitações esportivas e decidem se dedicar à arbitragem (Perreau-Niel, 2026b).

As seções esportivas escolares constituem, assim, uma ferramenta interessante para a identificação e formação de elites do futebol, permitindo conciliar as exigências do treinamento esportivo com as da educação escolar, embora isso gere certas tensões entre as instâncias responsáveis. Esse equilíbrio, no entanto, está claramente estabelecido institucionalmente, e o desempenho não é oficialmente a prioridade dessas seções, embora não seja excluído

[7] Em homenagem a um professor de história na escola de Cambrai, no norte do país, que faleceu prematuramente e que participou do desenvolvimento das primeiras escolas de futebol e estudos (SSS) em meados da década de 1970.

[8] Na França, o sistema conhecido como “mapa escolar” (*carte scolaire*), instituído em 1963, obriga as instituições de ensino a matricular seus alunos dentro de um perímetro geográfico delimitado pelo Ministério da Educação, com base no local de residência deles. No entanto, algumas famílias, especialmente as mais favorecidas, tendem a “contornar” essa regra quando a escola da sua zona não lhes agrada, por diversos meios (escolas particulares, escolha de opções pouco comuns etc.) — entre os quais se incluem as SSS (Barrault, 2013).

delas[9]. O desempenho está mais diretamente inserido em outros programas de elite desenvolvidos paralelamente, sobre os quais as instâncias federais do futebol têm controle mais direto.

UMA PREPARAÇÃO PRECOCE PARA O ALTO NÍVEL: OS “PÔLES ESPOIR”

A política esportiva de alto nível na França também se baseia em uma série de estruturas impulsionadas pelo Ministério do Esporte e pelas federações das diversas modalidades, às quais o Estado delega missões de serviço público por meio de um acordo válido por quatro anos, que lhes confere uma série de prerrogativas, incluindo o monopólio sobre a organização de competições e a seleção das equipes nacionais, mas também de deveres específicos (Lachaume, 2024). Ao mesmo tempo em que preserva sua autonomia política, o Estado lhes aloca uma série de recursos financeiros (subsídios), materiais (disponibilização de instalações, notadamente) e humanos (disponibilização de profissionais técnicos) essenciais ao seu funcionamento. Em 1975, o Estado criou o Instituto Nacional de Esportes e Educação Física (Insep)[10]. Esse centro altamente moderno recebe, entre outros, os melhores atletas das diversas federações olímpicas, oferecendo-lhes condições de treinamento de ponta. Reúne, assim, os *Pôles France* de diversas modalidades, incluindo o futebol feminino. O futebol masculino, no entanto, mantém-se à parte, tendo criado, já em 1972, seu Instituto Nacional de Futebol (INF), concebido como uma “escola superior de futebol”, em Vichy, no centro da França — cidade termal que permaneceu famosa por ter abrigado o governo colaboracionista de Pétain durante a ocupação alemã na Segunda Guerra Mundial. Em 1988, o INF mudou-se para *Clairefontaine*, não muito longe de Paris. Embora inicialmente recebesse jovens jogadores de 16 a 19 anos, à semelhança dos centros de formação dos clubes profissionais, em 1990 o INF mudou sua política e passou a ser um centro de “pré-formação profissional” para adolescentes de 13 a 16 anos.

A partir de 1995, outros centros semelhantes foram abertos sob a égide da federação em outras regiões, hoje denominados “*Pôles Espoirs Inter-régionaux*”. Atualmente, existem 16 deles espalhados por todo o território nacional (além de um *Pôle Espoirs* de futsal em Lyon), que formam anualmente 480 jovens por meio de seleção. Esses jovens, assim como nos SSS “de elite”, recebem cinco treinos por semana, disputam competições pelo clube local e têm um horário escolar adaptado. Segundo a FFF, 60% deles ingressam posteriormente no centro de formação de um clube profissional, enquanto 30% dos jogadores da seleção masculina sênior da França, campeã mundial em 2018, passaram por essas estruturas, assim como muitos jogadores internacionais de outros países. Essas estatísticas, que supostamente demonstram a qualidade do sistema, sugerem, no entanto, por um lado, que há muitos excluídos (40% que não ingressam nos centros de formação por motivos que, no entanto, não são exclusivamente esportivos), mas também que elas não constituem um caminho obrigatório para alcançar o mais alto nível.

AS PARTICULARIDADES DOS CENTROS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL FRANCESES

Os centros de formação que acolhem jovens aspirantes ao futebol profissional a partir dos 15 anos não são, evidentemente, uma especificidade francesa. Seu quadro institucional apresenta, no entanto, algumas particularidades no país. Em 1973, na sequência de uma greve dos jogadores de futebol para denunciar o controle dos dirigentes dos clubes sobre seus contratos de trabalho, e principalmente a impossibilidade de mudar livremente de clube (Schotté e Noûs, 2021), uma “Carta do Futebol Profissional” (*Charte du football professionnel*) foi adotada pelos representantes dos jogadores profissionais, dos dirigentes de clubes e da FFF sob a autoridade do Estado, que não apenas instituiu um mercado de trabalho mais equilibrado, mas também estruturou a formação tanto dos jogadores quanto dos profissionais de apoio (Faure e Suaud, 1999). Um quarto de século depois, os autores diagnosticam, no entanto, um “profissionalismo incompleto” que se baseia, notadamente, na manutenção de uma certa confusão entre os atores envolvidos — mercado, Estado e associações —, mas também em um certo domínio dos clubes profissionais por parte dos atores associativos, que parece persistir até hoje, tanto nos clubes quanto na federação.

Alimentada por certos mitos persistentes (o apelo aos “valores do esporte”, o engajamento dos dirigentes vivido de forma quase sacerdotal, a oposição binária entre Estado e mercado, etc.), essa situação permite,

[9] A circular MENE2334358C do 15 de dezembro de 2023, que atualmente rege os SSS, relembra, assim, que “uma vez que a busca pelo desempenho esportivo não é o objetivo dos SSS, será dada atenção especial aos projetos que contribuam para fortalecer a educação por meio do esporte, com ênfase específica na inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, no desenvolvimento da diversidade de gênero, a permanência escolar, o acesso ao esporte para o maior número possível de pessoas e a saúde dos jovens”. Mas, ao mesmo tempo, ela reforça o papel dos programas de elite, que passa a chamar de “turmas de esportes e estudos”, destinadas a reunir em uma mesma turma “alunos que demonstrem aptidões esportivas específicas, com o objetivo de praticar esportes de excelência e alcançar o alto nível”, independentemente de praticarem ou não a mesma modalidade esportiva.

[10] Mais exatamente, trata-se da fusão de várias instituições já existentes, entre as quais a Escola Normal Superior de Educação Física (*École normale supérieure de l’Éducation physique,* Ensep) e o Instituto Nacional de Esportes (*Institut national des sports,* INS). Lei n°75-988 do 29 de outubro de 1975 dita Lei Mazeaud, relativa ao desenvolvimento da Educação Física e do esporte.

no entanto, segundo os autores, um “[...] verdadeiro desvio de recursos públicos em detrimento do esporte de massa” (Faure e Suaud, 1999, p. 242). Essa situação foi atenuada logo no ano seguinte à publicação desse livro, com a aprovação, em 2000, da Lei Buffet, batizada em homenagem à ministra comunista da Juventude e dos Esportes que a propôs. Essa lei institui, notadamente, uma taxa de 5% sobre os direitos de transmissão televisiva em benefício do esporte amador — mas também regras mais restritivas sobre o recrutamento nos centros de formação do futebol profissional para conter o “tráfico” de jovens jogadores estrangeiros, especialmente africanos (Martinache, 2013).

A pesquisa etnográfica de longa duração de Bertrand (2012) em um desses centros de treinamento destaca a importância decisiva da adequação das disposições dos jovens recrutados — muito além de suas meras capacidades esportivas — às expectativas dessas instituições, que, segundo o pesquisador, realizam uma verdadeira “produção racionalizada de competências” (*Ibid*.: 76), por meio de uma divisão de trabalho avançada entre profissionais altamente especializados (treinadores, preparadores físicos, médicos, fisioterapeutas) e um planejamento rigoroso. Mas, além disso, os centros são o local de uma verdadeira socialização para a profissão de jogador de futebol, transmitindo suas normas e valores e afastando progressivamente outros futuros possíveis para esses jovens, que se veem amplamente isolados de seus contatos fora desse universo, devido ao ritmo intenso dos treinos e competições. O autor fala, assim, de uma “bolha”, mas poderíamos quase falar de uma “instituição total”, no sentido de Erving Goffman (1961), que lhes incute tanto resistência física quanto psicológica, para que aceitem as inúmeras privações envolvidas (lazer, vida social, alimentação etc.).

Bertrand mostra, no entanto, que a integração no centro de formação se baseia em uma socialização prévia que cultivou nesses jovens jogadores não apenas a “paixão” pelo futebol, mas também a sensação de terem um “dom” e de serem “feitos para isso”, por meio do reconhecimento do meio futebolístico, mas também do apoio de suas famílias, especialmente dos pais, que compartilham essa paixão pelo futebol. Em sua biografia sociológica de Zidane, Beaud (2026) também destaca a importância da estabilidade do núcleo familiar e do empenho dos pais no sucesso dos filhos, o que compensou a instabilidade decorrente da dupla condição de família de classe popular e de imigrantes do craque — e agora técnico da seleção francesa.

A pesquisa etnográfica conduzida por Cyril Nazareth em dois clubes amadores de Seine-Saint-Denis (o departamento mais pobre da França, nos subúrbios imediatos de Paris) confirma a importância do apoio familiar e mostra, de maneira mais geral, que o sucesso no futebol contribui, nas famílias em questão, para uma busca mais ampla de respeitabilidade, confirmando o que Oualhaci (2016) demonstrou nessas mesmas regiões em relação aos praticantes de esportes de luta e musculação.

A centralidade do clube amador na periferia francesa pode ser ilustrada de forma contundente pela trajetória da Associação Esportiva de Pierrefitte (ASPierrefitte), localizada no departamento de Seine-Saint-Denis (93), uma das áreas com maior concentração de população de origem imigrante e mais pobre da França, localizada na região metropolitana de Paris. Em entrevista realizada em 2025[11], o presidente do clube, Bilali Camara (2025), detalhou a metamorfose da instituição ao longo das últimas décadas: “No começo, éramos dez. Começamos com o futebol, éramos dez. Depois, fundimo-nos com o clube de onze para chegar hoje a 750 licenciados e nosso objetivo no ano que vem... é passar para 1.000 licenciados”. Esse crescimento exponencial não se baseia apenas na atração pelo esporte, mas em uma profunda ancoragem comunitária que o distingue de uma simples escola de futebol. Como enfatiza Camara:

> É um clube social. Fazemos muitas ações sociais, ou seja, muitos encontros com os pais... tentamos ser um clube muito social, muito familiar. Ou seja, assim que há problemas, tentamos intervir imediatamente... Como vão as coisas na escola? Portanto, há sempre um vínculo.

Longe da imagem romântica do futebol de rua desestruturado, o clube periférico francês opera com alto grau de qualificação técnica e exigência pedagógica: “Há dois treinadores para cada quinze crianças. Todos os nossos treinadores são diplomados”, explica o presidente. Mais do que isso, o clube atua como um mediador vital para mitigar as desigualdades econômicas que poderiam afastar os jovens do esporte. Através de uma complexa rede de subsídios estatais, o clube garante que a barreira financeira seja superada:

> *Quando uma criança vem se inscrever aqui... a ideia é dar-lhe o máximo de meios... que ela não tenha esse obstáculo econômico, financeiro... assinamos parcerias com a CAF* [*Caisse d’allocations familiales*, Caixa de Auxílio Familiar]*, com o departamento, com o Estado... os auxílios podem chegar a 280 euros. Depois restará apenas 20 euros a pagar.*

Esta rede de proteção social, institucionalizada através do clube, é a base material que permite que a *banlieue* funcione como celeiro esportivo. O clube também garante retorno financeiro ao sistema: “Quando você forma jogadores e quando eles assinam um contrato profissional, é preciso saber que há uma compensação para o clube amador... isso nos traz um ganho adicional”, complementa Camara, revelando a integração do clube amador ao circuito econômico do futebol profissional.

[11] Em entrevista realizada em dezembro de 2025, concedida à Antonio Rodrighiero, estudante da ESEF/UFPel, o presidente da ASP desde 2006 relata que até 2013, era um clube *omnisports*, mas ganhou autonomia e independência como associação. Fazem apenas seis anos que se constituiu como clube de futebol (de campo e futsal – masculino e feminino).

PROJETOS FAMILIARES E COMUNITÁRIOS, OS LIMITES E POSSIBILIDADES NA BUSCA POR DESEMPENHO ESPORTIVO

A engrenagem institucional descrita nas seções anteriores — desde as seções escolares até os centros de formação profissional — não opera em um vácuo social. Ela depende intrinsecamente do engajamento massivo das famílias e das redes comunitárias, especialmente nos bairros periféricos. Nestes territórios, marcados pelo legado dos processos coloniais franceses, por imigrações sucessivas oriundas das ex-colônias da África do Norte, da África Subsaariana e dos territórios ultramarinos (Guadalupe, Martinica, Reunião), e frequentemente por condições de precariedade econômica e segregação urbana, o futebol transcende a mera prática lúdica para se converter em um projeto central de mobilidade social e afirmação identitária.

Como demonstra Beaud (2026) o talento excepcional raramente é fruto do acaso individual, mas o resultado de uma articulação complexa entre a família operária imigrante — que oferece suporte moral, logístico e capital esportivo —, o bairro popular — que funciona como viveiro primário de socialização técnica e competitiva — e a instituição formadora — que disciplina, seleciona e profissionaliza. O pai de Zidane, Smaïl, imigrante argelino da Cabília, trabalhou como operário e garantiu ao filho as condições mínimas para que ele se dedicasse ao futebol no bairro de La Castellane, em Marselha. Essa estrutura familiar de suporte, invisível nos discursos sobre o “talento natural”, é a condição de possibilidade do craque. O investimento familiar na carreira esportiva de um filho exige sacrifícios consideráveis — desde o acompanhamento exaustivo aos treinos e torneios até o suporte psicológico diante da hipercompetitividade do sistema. Trata-se de uma aposta coletiva em que o sucesso de um indivíduo representa a possibilidade de ascensão de toda uma rede de parentesco, alternativa à mobilidade escolar (Nazareth, 2014).

Nesse contexto, os clubes comunitários, como a *ASPierrefitte*, desempenham um papel ambivalente e fundamental. Por um lado, eles funcionam como o primeiro filtro do sistema seletivo nacional, introduzindo a disciplina, a docilidade tática e a obediência à autoridade técnica — características essenciais para a sobrevivência nas etapas posteriores da formação, conforme demonstrado por Nazareth (2019) em clubes de Seine-Saint-Denis. Por outro lado, eles são espaços autônomos de sociabilidade, pertencimento e cidadania ativa. O engajamento comunitário manifesta-se em iniciativas como os “*chantiers jeunes*” (*canteiros de jovens*) descritos por Camara, nos quais jovens do clube trabalham na reforma de habitações sociais (*Habitations à loyers modérés,* HLM) durante as férias escolares para financiar viagens internacionais para torneios — incluindo, em 2025, uma viagem para acompanhar a Copa do Mundo nos Estados Unidos. Essa pedagogia do esforço coletivo evidencia que a formação do atleta na periferia é indissociável da formação cidadã.

Contudo, as possibilidades oferecidas por esse sistema esbarram em limites estruturais severos. Com uma taxa de exclusão que atinge cerca de 95% dos jovens que ingressam na via de formação de elite (Slimani, 2000), o projeto familiar de ascensão pelo futebol é estatisticamente fadado ao fracasso na esmagadora maioria dos casos. A instituição do “triplo projeto” (esportivo, escolar e educativo), como vimos, surge justamente como uma resposta do Estado e da FFF a essa realidade brutal, buscando garantir que os “excluídos” do profissionalismo não se tornem também excluídos sociais. A tensão entre o sonho familiar de mobilidade rápida e a realidade seletiva do funil esportivo define a experiência cotidiana nos campos da *banlieue*, e é precisamente essa tensão que os clubes comunitários tentam administrar, oferecendo ao mesmo tempo a promessa do alto nível e um espaço de pertencimento para os que não chegarão lá.

OS LIMITES DO SISTEMA: O SONHO DE SUCESSO E SUAS CONTRADIÇÕES

Essa delicada alquimia entre estruturas familiares, associativas, federais e estatais, que oferece um caminho alternativo de sucesso social inegável aos jovens dos subúrbios, tem, no entanto, seu lado negativo. A sua hiperseletividade faz com que, entre os inúmeros candidatos iniciais, muito poucos consigam efetivamente se tornar jogadores de futebol profissionais, e menos ainda chegar à elite dessa profissão, em virtude dos mecanismos de eliminação em cada etapa (Juskowiak, 2019). No entanto, longe de compensar a violência simbólica que a instituição escolar exerce sobre seus reprovados (Bourdieu e Passeron, 1970), a instituição do futebol pode, na verdade, intensificá-la e alimentar um sentimento de fracasso cujas consequências sociais e psicológicas mereceriam pesquisas mais aprofundadas.

Assim, podemos nos perguntar se promover um futebol verdadeiramente educativo e inclusivo não implicaria deixar de lado o desempenho ou, pelo menos, limitar sua importância. É o que sugerem os programas desenvolvidos por algumas associações e federações, como a Federação Esportiva e Ginástica do Trabalho (*Fédération sportive et gymnique du travail,* FSGT). Essa federação esportiva, denominada “afinitária” (em oposição à “delegada”), surgiu do meio operário em oposição ao “esporte burguês”. Criada em 1936, ela reúne hoje 250 mil associados, dos quais cerca de 40% são mulheres, e busca encontrar um equilíbrio entre a competição, pelo prazer do jogo, e a inclusão (Sabatier, 2013). Como explica Bonnet-Ouladj (2024), copresidente da FSGT quando a entrevistamos em 2024, a inclusão é claramente prioritária em relação ao desempenho, sem excluir totalmente a competição, pelo seu aspecto lúdico, nas atividades da federação:

> *Nossa principal área de atividades é o futebol. Ou seja, o futebol com arbitragem própria, que, por natureza, é misto* […]. *O futebol feminino, no qual fomos pioneiros na FSGT nos anos 70* […]. *A realidade hoje é que, quando se é mulher, tem-se 40 anos e quer-se*

> *praticar um esporte coletivo, mas não se sabe jogar, não se encontra espaço em lugar nenhum. Por isso, nós desenvolvemos um futebol e uma oferta que realmente permite que todas as mulheres joguem e se divirtam, independentemente do nível.* [...] *Temos um trabalho específico sobre a questão de gênero, especialmente com mulheres trans* [...]*, com mulheres em situação de rua* [...]. *Hoje, estamos desenvolvendo bastante o futebol caminhando* [onde é proibido correr] *para garantir que as atividades dos idosos não se limitem apenas à ginástica de manutenção ou que sejam confinadas a atividades não competitivas. É assim que permitimos que nossos associados continuem praticando um esporte competitivo, mas adaptado à sua saúde, que lhes proporcione... que lhes proporcione prazer*.

No caso específico dos “jovens”, crianças e adolescentes, a dirigente explica que a federação desempenha o papel de acolher aqueles que são rejeitados pelo sistema federal clássico:

> *No futebol juvenil, somos uma espécie de alternativa aos clubes que jogam pela FFF e onde as crianças com problemas de motricidade, na verdade, não jogam. A título de curiosidade, em uma cidade do Val-de-Marne* [departamento da periferia de Paris]*, onde há um clube da FFF e um clube da FSGT. Durante um tempo, as crianças da FFF chamavam as da FSGT de ‘jogadores de futebol sem grande talento’* [‘*footballeurs sans grand talent*’ em francês]*, porque nós acolhíamos as crianças que não tinham jogado. Tínhamos realmente um trabalho interessante justamente para levá-las a praticar o esporte.*

Nessa mesma linha, a associação Tatane, cofundada por Vikash Dhorasoo, ex-jogador da seleção francesa que atuou, entre outros, pelo PSG e pelo AC Milan, e que se destaca por seu engajamento político de extrema esquerda (Guéry e Martinache, 2022), desenvolve uma crítica prática ao “negócio do futebol”, organizando atividades esportivas e educacionais em torno do futebol voltadas para a inclusão, tanto para jovens de bairros populares quanto de áreas rurais marginalizadas. Como explica Pradel (2022), seu codiretor, ex-educador de rua com passado de jogador de basquete, que trabalhou anteriormente no departamento “*Sport et Quartiers*” (Esporte e Periferia) da cidade de Toulouse:

> *Quando nos dirigimos a esses jovens de um bairro de Toulouse ou de Paris, não tenho certeza de que, com essa lógica de desempenho, essa seja a melhor coisa a se fazer para que a experiência do futebol, ou o futebol em si, seja um caminho positivo para eles. Ou seja, a cada 10 anos surge um que vai se tornar um atleta de alto nível. Há um número máximo deles, e é preciso encontrar valores formativos, que também lhes proporcionem a superação pessoal, a disciplina e o companheirismo; mas, mesmo assim, no esporte de alto rendimento, no esporte como negócio, rapidamente percebo que há aspectos que não estão de acordo com isso. E, por outro lado, há o esporte social, onde, acredito, há uma maneira de praticar o esporte muito mais simples, muito mais voltado para quem pratica, para o prazer, justamente para a convivência, mesmo que sejam palavras grandiosas e genéricas*.

Esse educador e dirigente associativo também conta, em entrevista, que tem encontrado cada vez mais dirigentes de clubes amadores que questionam a lógica do desempenho e a conveniência de subir de divisão ou formar jogadores de alto nível, pois isso colocaria em risco não apenas seu modelo econômico, mas também seu equilíbrio social.

Essas reflexões, cujo grau de representatividade, no entanto, não é possível avaliar, sugerem o que talvez seja o principal ponto forte dos clubes de futebol nos bairros populares, tanto na França quanto em outros lugares: a sociabilidade que eles promovem e, com ela, um sentimento positivo de pertencimento às classes populares, cujos efeitos vão muito além do desempenho esportivo (Rougier, 2016). Paradoxalmente, a promoção excessiva do sucesso por meio do futebol pode, assim, não apenas provocar efeitos de exclusão, mas também enfraquecer os laços comunitários, arrancando dessas comunidades os craques e suas famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A *BANLIEUE* COMO “CELEIRO DE CRAQUES” — HIPÓTESES E EXPLICAÇÕES PROVISÓRIAS

A relativa hegemonia da seleção francesa no cenário futebolístico mundial — evidenciada de forma contundente na Copa do Mundo de 2026, com a presença não apenas de uma equipe nacional fortíssima, mas de quase uma centena de jogadores nascidos na França espalhados por diversas seleções — não pode ser compreendida através do mito do talento natural ou da espontaneidade do futebol de rua. O presente artigo buscou demonstrar que esse fenômeno é o resultado direto de uma política pública de longo prazo, altamente estruturada e institucionalizada, que articula de forma singular o Estado, o movimento associativo e o tecido comunitário local.

Como hipótese central para explicar esse desempenho, apontamos a eficácia de um modelo que integra, de maneira ímpar, três níveis de intervenção: (1) o nível macro institucional, representado pela parceria entre o Ministério da Educação Nacional e a FFF, que criou as SSS em mais de 1.000 estabelecimentos e os *Pôles Espoirs* em todas as regiões do país; (2) o nível meso-associativo, representado pelos Centros de Formação Profissional e pelos clubes amadores de bairro, que funcionam como mediadores entre a aspiração individual e a seleção institucional; e (3) o nível micro-comunitário, representado pelas famílias imigrantes e pelas redes de solidariedade dos bairros populares, que fornecem o suporte afetivo, logístico e simbólico sem o qual nenhum talento se desenvolve.

A *banlieue* francesa tornou-se o maior celeiro de craques do mundo não porque seus jovens possuam uma predisposição inata, mas porque estão inseridos em um território onde o futebol representa uma das raras vias visíveis de mobilidade social e onde existe uma infraestrutura densa capaz de captar, disciplinar e refinar esse desejo de ascensão.

Essa ‘fábrica de talentos’ traz consigo contradições profundas que o Mundial de 2026 tornou mais visíveis do que nunca. A composição multiétnica da seleção francesa, majoritariamente formada por filhos das classes populares e de origem imigrante das ex-colônias, reativa ciclicamente tensões sobre a identidade nacional. Se o futebol oferece a esses jovens a possibilidade de representar a nação em sua expressão máxima, ele também os expõe ao racismo de classe e a questionamentos rituais sobre sua ‘francidade’ aos primeiros sinais de fracasso — como demonstrou o episódio de Knysna em 2010, analisado por Beaud (2011) como um ‘analisador’ das contradições da sociedade francesa. A evolução do ativismo político de jogadores como Mbappé em 2026 — que confrontou publicamente a extrema-direita e prestou homenagem a Nahel Merzouk, jovem morto pela polícia em Nanterre em 2023 — demonstra que essa nova geração já não aceita ser apenas o símbolo mudo de uma integração idealizada, passando a atuar como sujeitos políticos que reivindicam o direito de definir o que significa ser francês.

Por fim, o modelo francês nos convida a repensar as próprias estruturas de formação no Brasil e na América do Sul. A perda do protagonismo histórico como ‘celeiro do mundo’ para a Europa não se deve a um esgotamento do talento sul-americano — como sugeria Simoni Guedes (1977) ao analisar o futebol como ‘esporte nacional’ brasileiro —, mas à consolidação, em países como a França, de sistemas de formação que não dependem do acaso, integrando o esporte ao sistema educacional, oferecendo redes de proteção social aos jovens atletas e reconhecendo o papel insubstituível dos clubes comunitários de periferia. O estudo do caso francês revela que a excelência esportiva no século XXI é, fundamentalmente, uma questão de engenharia institucional, política pública e investimento comunitário — e não de dons naturais ou de campos de terra batida.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio do INCT Futebol, processo nº 406632/2022-7.

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflitos de interesse.

DISPONIBILIDADE DE DADOS

Os dados que sustentam os achados deste estudo, incluindo materiais de observação etnográfica e entrevistas, encontram-se em processo de organização, descrição, anonimização e curadoria pelos autores. Por essa razão, ainda não estão disponíveis em repositório público. Após a conclusão desses procedimentos e observadas as exigências éticas aplicáveis à proteção dos participantes, o conjunto de dados passível de compartilhamento será depositado em repositório confiável, preferencialmente no SciELO Data, com a indicação de link persistente e DOI na versão final do artigo ou em atualização posterior do registro de dados. Até essa disponibilização, eventuais solicitações de acesso serão avaliadas pelos autores, mediante justificativa acadêmica e em conformidade com as condições éticas e de confidencialidade da pesquisa.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Todos os autores foram responsáveis pela concepção, curadoria de dados, análise formal, redação, revisão e aprovação da versão final do manuscrito.

REFERÊNCIAS

Barrault L. Gouverner par accommodements: stratégies autour de la carte scolaire. Paris: Dalloz; 2013.

Beaud S. Traîtres à la nation? Un autre regard sur la grève des Bleus en Afrique du Sud. Paris: La Découverte; 2011.

Beaud S. Zinedine Zidane [Internet]. Paris: La Découverte; 2026 [citado em 2026 Jul 31]. Disponível em: https://www.editionsladecouverte.fr/zinedine_zidane-9782348092978

Becker HS. Art worlds. Berkeley: University of California Press; 1982.

Bertrand J. La fabrique des footballeurs. Paris: La Dispute; 2012.

Bonnet-Ouladj E. Entrevista concedida ao Projeto Diribiosport. Nanterre; 8 out. 2024. Entrevistadores: Olivier Le Noé, Igor Martinache. Comunicação pessoal.

Bourdieu P, Passeron JC. La reproduction: éléments pour une théorie du système d’enseignement. Paris: Les Éditions de Minuit; 1970.

Bourdieu P. La distinction: critique sociale du jugement. Paris: Les Éditions de Minuit; 1979.

Camara B. Entrevista concedida a Antonio Gabriel Cavalheiro Rodrighiero no Projeto InterPeriferias do Futebol. Pierrefitte-sur-Seine; déc. 2025. Comunicação pessoal.

Faure JM, Suaud C. Le football professionnel à la française. Paris: Presses Universitaires de France; 1999.

FFF: Fédération Française de Football [Internet]. 2026 [citado em 2026 Jul 31]. Disponível em: https://www.fff.fr/96-sections-sportives.html

Fleuriel S. Le sport de haut niveau en France: sociologie d’une catégorie de pensée. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble; 2013. https://doi.org/10.3917/pug.fleur.2013.01.

Fleuriel S, Papin B, Viaud B. Le Centre national d’entraînement en altitude de Font-Romeu: réfraction locale d’une

politique nationale. Sud-Ouest Européen. 2020;49:65-78. https://doi.org/10.4000/soe.6818.

France. Ministère de la Jeunesse, des Sports et de la Vie associative. L’environnement social des pratiquants sportifs. In: Mignon P, Truchot G, editores. Les pratiques sportives en France. Paris: INSEP-Éditions; 2002. p. 107-11.

France. Sections sportives scolaires [Internet]. 2026 [citado em 2026 Jul 31]. Disponível em: https://data.education.gouv.fr/explore/assets/fr-en-sections-sportives-scolaires

Galluzzo A. Le mythe de l’entrepreneur: défaire l’imaginaire de la Silicon Valley. Paris: La Découverte; 2023.

Goffman E. Asylums: essays on the social situation of mental patients and other inmates. New York: Doubleday; 1961.

Grün L. Professionnaliser la section filles au sein d’un club de football professionnel « historique »: les équipes féminines du FC Metz (2014-2019). STAPS Sci Tech Act Phys Sport. 2024;145(2):67-82. https://doi.org/10.3917/sta.145.0067.

Guedes SL. O futebol brasileiro: instituição zero [dissertação]. Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1977.

Guéry V, Martinache I. Le sportif, le politique et le médiatique: Vikash Dhorasoo, un habitus clivé pris dans la logique des champs. Polit Commun. 2022;19(2):189-223. https://doi.org/10.3917/pdc.019.0189.

Joly A, Perreau-Niel A. Devenir un homme en noir, une vocation? La formation progressive des jeunes arbitres de football au service de la professionnalisation de l’arbitrage français (de 1970 à nos jours). STAPS Sci Tech Act Phys Sport. 2023;142(4):31-50. https://doi.org/10.3917/sta.pr1.0065.

Juskowiak H. Un pour mille: l’incertitude de la formation au métier de footballeur professionnel. Arras: Artois Presses Université; 2019. https://doi.org/10.4000/books.apu.19385.

Lachaume JF. La délégation de service public aux fédérations sportives et ses conséquences juridiques. Jurisport [Internet]. 2024 [citado em 2026 Jul 31];(254):21-4. Disponível em: https://shs.hal.science/halshs-04647168

Maisonnave C, Dietsch B. Quels pratiquants et quelles pratiques selon les univers sportifs? Analyse du baromètre 2018 des pratiques sportives des Français [Internet]. Paris: Institut National de la Jeunesse et de L’éducation Populaire; 2021 [citado em 2026 Jul 31]. (Notes & Rapports; 2021/10). Disponível em: https://injep.fr/publication/quels-pratiquants-et-quelles-pratiques-selon-les-univers-sportifs/

Martinache I. Le ministère Buffet (1997-2002): contraintes et contradictions dans la mise en œuvre d’une politique sportive de gauche. Cahiers Hist Rev Hist Crit. 2013;(120):103-15. https://doi.org/10.4000/chrhc.3030.

Menezes G. O país do futebol nasceu nas favelas: a história que nenhum estádio conta. Balbarujo [Internet]. 2026 jun 27 [citado em 2026 Ago 18]. Disponível em: https://balbarujo.com.br/o-pais-do-futebol-nasceu-nas-favelasa-historia/

Nazareth C. “Faire quelque chose de bien dans le foot”: une stratégie familiale d’accès à l’espace du football professionnel français. Sci Soc Sport. 2014;7(1):139-65. https://doi.org/10.3917/rsss.007.0139.

Nazareth C. La socialisation des jeunes des quartiers populaires par le football de compétition [tese]. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales; 2019 [citado em 2026 Jul 31]. Disponível em: https://theses.fr/2019EHES0167

Oualhaci A. Se faire respecter: ethnographie de sports virils dans des quartiers populaires en France et aux États-Unis. Rennes: Presses Universitaires de Rennes; 2016. https://doi.org/10.4000/books.pur.159145.

Perreau-Niel A. La tête et les jambes: entrer, vivre et sortir d’une section sportive à filière arbitrage football [tese]. Arras: Université d’Artois; 2024.

Perreau-Niel A. Genèse et déploiement des sections sportives à filière arbitrage football: histoire d’un dispositif entre École et Sport (2001-2025). STAPS Sci Tech Act Phys Sport. 2026a;154(1):7-26. https://doi.org/10.3917/sta.pa.0124.

Perreau-Niel A. Les usages stratégiques d’une section sportive scolaire: rencontre entre les attentes d’un établissement et les dispositions des élèves recrutés. Carrefours Educ. 2026b;61(1):113-27. https://doi.org/10.3917/cdle.061.0113.

Pinto FM, Lara R, Vaz AF, editores. Interperiferias do futebol [livro eletrônico]: o que o futebol nos ensina sobre o viver na sociedade contemporânea. Pelotas: Ateliê da Casa; 2024 [citado em 2026 Jul 31]. Disponível em: https://www.ateliedacasa.com/interperiferias

Pradel M. Entrevista concedida a Igor Martinache e Valentin Guéry. 2 ago. 2022. Comunicação pessoal.

Prost A. La démocratisation de l’enseignement en France depuis la Seconde Guerre mondiale. Rev Suisse Sci Educ. 2001;23(1):73-94. https://doi.org/10.24452/sjer.23.1.4597.

Rougier C. Le sport à côté: les logiques sociales de la permanence d’un investissement associatif en milieu populaire. Sci Soc Sport. 2016;9(1):17-46. https://doi.org/10.3917/rsss.009.0017.

Sabatier F. Histoire des organisations sportives communistes de France au XXe siècle: combats pour l’émancipation, soviétisme et cultures militantes. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble; 2013.

Schotté M, Noûs C. « Les footballeurs sont des esclaves »: les ressorts du succès de la mobilisation de l’Union nationale des footballeurs professionnels (1961-1973). Rev d’histoire. 2021;149(1):47-60. https://doi.org/10.3917/vin.149.0047.

Schotté M. La valeur du footballeur: socio-histoire d’une production collective. Paris: CNRS Éditions; 2022.

Slimani H. La professionnalisation du football français: un modèle de dénégation [tese]. Nantes: Université de Nantes; 2000 [citado em 2026 Ago 18]. Disponível em: https://hal.science/tel-02561921